

CRÔNICA

Sibele Negromonte sibelenegromonte@gmail.com



Com a bênção do Velho Chico

Os versos da canção de Jorge de Altinho ainda ecoam na minha memória enquanto aguardo na sala de embarque do Aeroporto Senador Nilo Coelho, em Petrolina, meu voo para Recife. Nos últimos cinco dias, vivenciei intensamente o dia a dia de Juazeiro e Petrolina. Apesar de ser pernambucana, nunca tinha visitado a região, que só conhecia dos livros de história e das reportagens que retratam o “sertão que deu certo”.

Como diz o artista pernambucano, a natureza, de fato, abençoou as duas cidades, banhadas pela imensidão do Rio São Francisco. De um lado a Bahia; do outro, Pernambuco. Os moradores dos dois estados, que estão entre os mais bairristas do país, parecem esquecer “as diferenças”, se unem por uma ponte de 800 metros de distância e se misturam em uma mesma cultura, a do povo sertanejo.

Aliás, se no imaginário popular, o sertão é um lugar inóspito, de terra rachada pela seca, de gente faminta e de pele curtida pelo Sol, está na hora de rever esses conceitos. Por lá, tive a melhor experiência gastronômica da culinária japonesa. Tocado por um chef que viveu no Japão, o 777 Bistrô não deixa a desejar

em nada quando o assunto são bons restaurantes neste mundão de Deus.

Mas se a ideia é se deliciar com uma típica comida sertaneja, um lugar chamado bodódromo não lhe decepcionará. Nos vários restaurantes concentrados no lugar, a carne de carneiro reina absoluta. Quer apreciar releituras dos pratos

regionais, com a valorização dos ingredientes da região? O Flor de Mandacaru está de portas abertas — e o seu magnífico sorvete de rapadura.

Como boa taurina, não dispense as delícias de uma mesa farta e gostosa, como já deu para perceber. Nem de um bom vinho. E quem diria que o solo sertanejo seria fértil para o

plantio de uva? Vinícolas com parreiras a perder de vista deram o título de Califórnia brasileira à região.

Enquanto ainda rememoro, o inesquecível pôr do sol do Rio São Francisco, que tive o privilégio de assistir de uma canoa havaiana, esporte que pratico em Brasília, o voo está prestes a pousar em Recife,

minha terra natal. E os versos de uma outra canção em homenagem às cidades irmãs, desta vez de Caetano Veloso, me vem à mente:

Velho Chico vens de Minas
De onde o oculto do mistério se escondeu

Sei que o levas todo em ti,
não me ensinas

E eu sou só eu, só eu, só eu.

